

libertar o ferro e os homens

"Milagres" da consciência de si

por Miguéis Lopes Júnior

28/5/82

Niassa, 1965, em plena guerra de libertação nacional. Uma companhia de guerrilheiros das FPLM recebe a missão de, a partir de Catur, furar a fronteira, nas montanhas de Mecanhelas e reforçar as unidades que actuavam na Zambézia. Devido à denúncia de régulos e sipais, a companhia é detectada e cercada pela tropa colonial. O cerco prolonga-se, debaixo de chuvas torrenciais. A companhia da FRELIMO esgota os mantimentos e munições. Os soldados portugueses, em superioridade numérica, passam ao assalto final. Parte dos guerrilheiros é dizimada. Outros são feitos prisioneiros. Outros ainda, conseguem fugir para o Malawi, de onde só regressariam mais tarde, depois de negociações entre a FRELIMO e o Governo de Hastings Banda e quando este último se preparava já para dar ordem para os entorçarem ou entregarem às autoridades portuguesas em Moçambique. Dos guerrilheiros feitos prisioneiros pela tropa colonial um, de nome Tomás Macuá-cua, trai. Após algumas pressões acaba por conduzir os soldados até à população que apoiava a FRELIMO, mostrar bases, etc. Outro, um socorrista de nome Vicente Valoy, vai ter comportamento bem diferente. Levado para interrogatório, é espancado e torturado dias a fio. Nas sessões, apenas interrompe o seu mutismo para, no final, erguer o punho fechado e clamar: **Viva a FRELIMO; Viva o Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo; Independência ou morte, venceremos!** Frustrada nos seus intentos de obter informações a tropa colonial, ao fim de inúmeras tentativas, acaba por matá-lo.

Este um dos vários episódios relatados pelo Presidente Samora durante as reuniões dos comprometedos. Episódio escutado com emoção por todos os presentes, na medida em que surgiu

como a revelação de um fragmento da nossa história a moçambicanos a quem o "colonial-fascismo despersonalizou e «formou» precisamente na ignorância da história do seu povo. História onde entra o heroísmo e a traição, a vacilação e a firmeza, a abnegação e o oportunismo, porque todas essas componentes influem nas contradições que opõem os homens que fazem essa mesma história.

Mesmo entre homens com interesses nacionais e de classe aparentemente idênticos as circunstâncias podem despoletar a divisão entre o herói e o traidor, o vacilante o determinado, entre o valente e o covarde.

O ponto de partida dessa linha divisória é, de facto, o grau de interiorização, a prática da escolha entre a defesa do povo ou a dos seus carrasos.

Indo buscar o exemplo aos próprios combatentes da FRELIMO Samora Machel pretende esclarecer indirectamente os comprometedos acerca do caminho a seguir para sua reabilitação: a análise de uma vida através das escolhas que nela se foram fazendo. Isto depois das primeiras intervenções terem revelado quer atitudes de pretensão minimizar do comprometimento como algo de somenos importância, quer de autoflagelação em moldes religiosos. Em ambos os casos falsidade perante os outros e perante si próprio. Falsidade que, por si só, fornecia dados sobre a alienação de alguns dos comprometidos que ali falavam. **A prática da hipocrisia, faz parte da cultura do colonizador**, recordaria o Presidente. Prática incentivada desde logo por esse sustentáculo ideológico do fascismo português que foi a Igreja Católica. Pareciam acreditar em qualquer virtude mágica das palavras ao assumirem naquela reunião a mesma atitude que tomavam nas igrejas: **Confessar ao**

padre, para em seguida praticar de novo o mesmo pecado.

O que se pretende com estas reuniões é o assumir da responsabilidade de um compromisso através da sua análise. Como ponto de partida para a opção libertadora. Para a integração activa na sociedade moçambicana que o peso de um longo trajecto de despersonalização e alienação impede ainda hoje: **queremos partilhar convosco essa vossa infelicidade, para em conjunto a venceremos e formarmos o pensamento comum**, diria o Presidente.

Só assim se poderia compreender o processo global que levou moçambicanos a pegar em armas e a lutarem contra o próprio povo, a **defender correntes, algemas, opressão e escravatura**.

Por muita alegada impossibilidade de resistir ao compromisso, por aparentemente mínimo que fosse tal comprometimento, estão criadas condições em Moçambique para se analisar uma trajectória do passado, com vista à recolocação dos pés na terra do presente e à participação conjunta na luta pela felicidade do futuro.

Como também salientou diversas vezes o Presidente, os comprometidos não vinham ali revelar nada de novo, ao nível do relato factual do colaboracionismo do seu passado. A Direcção do Partido possui com efeito fichas e registos das actividades de todos eles, conhece-as. Tratava-se era de, através da exposição e do diálogo, introduzir o assumir dos «porquês» e «comos» com intenção de retirar ao comprometido o peso da sua consciência. Conferir-lhe um estatuto, não de moçambicanos, porque moçambicanos já eles são, mas de sujeitos das suas vidas ao invés dos objectos manipulados à distância em que o colonial-fascismo os havia transformado.

É esta consciência plena e assumida que dá sentido à vida

Comprometidos

de qualquer um, que o faz sentir parte de um todo social e a inserir-se na dialéctica das suas contradições. E não é necessário ser-se revolucionário para o conseguir, nem isso é pré-determinado à nascença. É algo que nasce do acumular da honestidade de intenções, da limpidez do espírito numa prática consequente.

Mais do que quaisquer outras palavras esclarece melhor este aspecto uma intervenção de Samora Machel citando um discurso pronunciado o ano passado por Fidel Castro:

— **Todo o mundo fala acerca do sacrifício de Cristo, que resistiu à fome e à tortura durante três dias. Três dias de resistência, que ficaram na História... mas, que diremos então de Bobby Sands, dos nacionalistas da Irlanda do Norte que ficaram em greve de fome, até à morte ao longo de 50, 60 dias... Não eram revolucionários, não eram comunistas. Mas resistiram até à morte, porque tinham um sentido agudo da independência, tinham consciência da justiça da causa da independência.**

O comprometimento — a vários níveis embora — é comum a muitos moçambicanos. Adquirir no tempo colonial um maço de cigarros em cujo preço se incluía a taxa para a «defesa nacional» era também, em última análise, um comprometimento, tal como pertencer à Mocidade Portuguesa ou mesmo à tropa regular. Se aqueles comprometidos foram destacados especificamente de tantos outros foi porque as instituições que serviram, a sua acção nelas, teve directa ou indirectamente um peso político muito superior nos crimes globais do colonialismo. Mas é necessário que cada um dos comprometidos compreenda até que ponto a sua consciência ficou separada dos seus actos e porquê. Este, talvez, uma das marcas mais terríveis da assimilação: separar a consciência do ser, desenraizar o homem e fazê-lo participar no esmagamento, na morte, na tortura, no assassinato dos seus compatriotas; fazer alguém esquecer em actos, na prática, os seus efectivos interesses de classe.

É neste reencontro — do homem com a sua consciência ou da consciência com o lapso que de si própria teve — que está a chave do reencontro pleno desses moçambicanos com os seus compatriotas e com a sua Pátria.